

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADENILCE SCHMIT

**A ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS (AS) EM SITUAÇÃO DE POBREZA E SUAS
DIFICULDADES**

CURITIBA

2016



ADENILCE SCHMIT

**A ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS (AS) EM SITUAÇÃO DE POBREZA E SUAS
DIFICULDADES**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Ms.^a Rosemeri T. F. R. Rodrigues

CURITIBA

2016

A escolarização de alunos (as) em situação de pobreza e suas dificuldades

Adenilce Schmit

RESUMO

No Brasil, 44% da população do ensino fundamental público são pobres. A pobreza é um fenômeno presente na vida de um contingente significativo de estudantes brasileiros. Esta pesquisa teve a intenção de buscar a compreensão de como ocorre a escolarização dos alunos em situação de pobreza e as dificuldades que acompanham essa condição de vida. A metodologia escolhida para trabalhar o tema foi uma revisão de literatura através de pesquisa computadorizada nas bases de dados Scielo e Google acadêmico para identificar artigos originais na língua portuguesa sobre o tema. Os resultados demonstraram várias análises e leituras sobre a escolarização de alunos em situação de pobreza que envolveram o contexto econômico, cultural, comunitário, familiar e pessoal dos (as) estudantes e apontam para a necessidade da revisão do olhar sobre os (as) alunos (as) em condição de pobreza.

Palavras-chave: Educação, Pobreza, Desigualdade Social.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre a pobreza e educação a partir de produções acadêmicas, buscou entender como os estudos sobre Pobreza e Educação podem explicar as diferenças educacionais entre os alunos pobres, que, frequentemente, são associados também ao fracasso escolar e à exclusão sócio educacional. (CASTEL, 1998)

De acordo com uma pesquisa divulgada este ano pela organização não governamental Todos pela Educação, feita com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2014, constou que entre os 25% dos jovens mais pobres da população,

36,8% concluíram o ensino médio, enquanto que dos 25% dos jovens mais ricos, 84,9% concluíram o mesmo, ficando em 47,8% a diferença entre os dois grupos.

Isso mostra que a pobreza tem significativa relação sobre a educação e que sem recursos financeiros para a educação esse direito não é garantido deixando os menos favorecidos em alta desvantagem tanto no âmbito do conhecimento como também no mercado de trabalho futuramente.

Segundo a pesquisa citada anteriormente, um quarto dos jovens de 19 anos não estuda e nem trabalha e essa porcentagem significa que 842.217 jovens estão nessa situação no Brasil. Em visita as escolas, percebe-se que a situação de pobreza em que vivem muitos dos (as) alunos (as) é considerada pelos professores como um dos obstáculos à aprendizagem. Entende-se que por ser pobre o aluno ou a aluna é um fracasso na escola e muitas vezes no convívio da sociedade.

A educação tem apresentado índices de crescimento, dando oportunidades para mais pessoas nas escolas. Porém, não melhorou na qualidade da educação nem diminuiu as desigualdades de desenvolvimento dos alunos pobres. Pouco tempo de escolarização, entrada na escola muito tarde e abandono antes do término ainda continuam ocorrendo com alunos em situação de pobreza. Entender os mecanismos que mediam esse processo é um fator necessário para que os educadores possam tornar o ambiente escolar verdadeiramente inclusivo, possibilitando ingresso, permanência e conclusão do processo escolar dos alunos. (PAUGAM, 2003)

Levando em consideração os altos índices ainda existentes de crianças e jovens pobres que não concluem as fases escolares e a desigualdade social dentro de escolas, devemos aprofundar sobre o assunto, buscando sempre entender os contextos e dificuldades no processo de escolarização dos alunos em situação de pobreza.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Mayer e Koller (2000) desenvolveram estudo sobre a percepção de controle sobre o desempenho acadêmico de crianças em situação de pobreza e manifestaram que a desvantagem educacional da criança pode ser causada pela miséria econômica. Porém apesar das condições desfavoráveis que uma criança possa apresentar para com seu próprio processo de escolarização ainda pode

superar as expectativas através da resiliência, pois segundo Rutter (1987), uma criança resiliente, tende a se adaptar melhor em eventos estressores do que crianças não vulneráveis.

Os resultados demonstram que a criança ter a percepção do controle acadêmico auxilia na melhoria do seu desempenho, pois crianças resilientes, independente de sua classe social, se adaptam melhor a eventos estressores se desenvolvendo melhor tanto dentro das escolas quanto fora delas.

Barros, Henrique e Mendonça (2001) descrevem o cenário em que evidencia-se a evolução da magnitude e da natureza da pobreza e da desigualdade no Brasil. Em seus estudo demonstram que o Brasil não é um país pobre, e sim injusto e que é possível com a farta disponibilidade de recursos combater a pobreza. A desigualdade estabilizada por tantos anos é o eixo da pobreza descortinada por esses autores.

Canen (2001) desenvolveu trabalho de pesquisa sobre universos culturais e representações docentes no contexto de formação de professores para a diversidade. Quando descreve o tratamento dado às crianças das camadas populares cita a teoria da “carência cultural” que se baseia na ideia de “falta”, o foco passa a ser “aquilo que o aluno não tem da cultura dominante” e por esta perspectiva cabe a escola “suprir” as “deficiências socioculturais do aluno”. O discurso da negação e desqualificação acompanham os estereótipos com relação as famílias de crianças em situação de pobreza vistas como desestruturadas e desestruturantes, agressivas, violentas e sem higiene.

A autora faz a ressalva de que esse tipo de abordagem concebe a diferença “enquanto desvio ou atraso, a partir de uma concepção etnocêntrica da sociedade humana em que o observador toma sua cultura de origem como ponto de referência”. (CANEN, 2001, p. 211)

Os debates sobre esse tema demonstram que ainda há professores que apresentaram perspectivas negativas com relação aos universos culturais das crianças. Esses preconceitos e estereótipos são facilmente detectados nas falas dos professores.

Gatti (2004) apresenta uma revisão de estudos sobre educação no Brasil, utilizando abordagens quantitativas. Suas pesquisas demonstram que a própria escola, muitas vezes, gera o analfabetismo através do processo de exclusão que

pode acontecer pela reprovação e repetência que produz como consequência a evasão escolar majoritariamente entre alunos(as) em situação de pobreza .

Duarte (2012) ao trabalhar o tema política social: educação e pobreza apresenta considerações que demonstram que a escolaridade no Brasil está diretamente relacionada a possibilidade de geração de renda. Afirma que a exclusão dos pobres da escolaridade perpetua o ciclo de pobreza brasileiro, sentenciando-os ao desemprego ou subemprego. Através do processo de exclusão escolar “os mais pobres são excluídos, apartados, alijados de dois direitos sociais: educação e trabalho” (DUARTE, 2012, p.31)

Essa autora observa que mesmo que a criança/adolescente em condição de pobreza esteja no interior da escola continua a padecer de condições objetivas e subjetivas para alcançar o sucesso escolar. O processo de escolarização das camadas empobrecidas é assim descrito:

(...) verifica-se um ciclo trágico: pobreza, desigualdade, baixa escolaridade, pobreza. A pobreza e a desigualdade vêm sendo apontadas como os principais fatores que contribuem para perpetuar a reprodução social e a limitação da mobilidade: baixos rendimentos, condições territoriais e de habitabilidade desfavoráveis para o lar, problemas de alimentação e de saúde, dificuldades para manter os filhos na escola, baixo rendimento escolar dos filhos, abandono prematuro da escola ou escassa formação, acesso a trabalhos pouco qualificados e com níveis salariais inferiores e formação de uma nova família que repete esse ciclo perverso. (DUARTE, 2012. p. 31)

Essa autora afirma que apesar de a educação constituir importante recurso para o rompimento dos ciclos de pobreza ainda é um desafio que precisa contar com o compromisso de todas as políticas sociais. O sucesso escolar ainda não é garantido a todos, pois como afirma Duarte (2012, p. 31) o “sistema educacional discrimina a população mais pobre, agora no interior do próprio estabelecimento de ensino (...).”

Arroyo (2014) ao discutir os temas educação, pobreza e desigualdade social afirma que “é necessário não apenas saber que as escolas estão repletas de meninos e meninas pobres, mas, muito mais do que isso, é preciso também atentar para as exigências que essas vivências da pobreza, da precariedade material extrema, fazem às nossas práticas.”

As contribuições de Arroyo (2014) sobre o tema são manifestadas a partir de algumas provocações para a reflexão e busca de alternativas que precisam ser

consideradas. Segundo esse autor nas duas últimas décadas as escolas públicas começam a receber um público que antes não chegavam às escolas - os alunos(as) pobres. As redes municipais e estaduais começam a ter que dar conta destas infâncias e juventudes pobres das periferias urbanas.

Arroyo (2014) chama a atenção para a necessidade de compreensão por parte dos professores e demais profissionais da escola do que significa a chegada às escolas de milhares de crianças, de adolescentes, de jovens e adultos que vem do trabalho, da sobrevivência para a escola ou da escola para a sobrevivência. Como forme fala esse autor “são estes que estão hoje cutucando a pedagogia e cutucando as políticas públicas.”

Arroyo (2014) aponta caminhos de enfrentamento para que a situação de pobreza vivenciada pelos alunos (as) não seja um impedimento para seu sucesso escolar. Diante desse tema o autor considera que as visões sobre a pobreza precisam ser confrontadas e também é preciso buscar novas práticas educacionais de acordo com as demandadas pelos sujeitos em condição de pobreza e extrema pobreza.

É preciso rever os currículos e detectar visões moralistas que precisam ser desconstruídas e isso requer mudanças nas práticas pedagógicas. Arroyo (2014) afirma que é preciso reeducar o olhar sobre a pobreza, não mais olhar o (a) aluno (a) como carente e incapaz para o estudo e aprendizagem. Deve-se sim atentar “para as privações materiais que impossibilitam uma vida digna e justa a esses sujeitos.” A visão sobre a escolarização dos alunos pobres precisa ser revisada:

Quanto um olhar que não prioriza os efeitos desumanizadores da vida na pobreza material, por vê-la como a condição natural de determinado grupo, decorre de uma visão estreita e fatalista, não aceita por educadores comprometidos com a “autonomia do oprimido”, nos termos paulofreirianos. (ARROYO, 2014)

Avançar para visões menos moralistas dos educandos pobres será uma saída para elevar a função social das escolas públicas e dos seus profissionais.

3 METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido a partir de revisão de trabalhos científicos que buscaram discorrer sobre os temas pobreza e escolarização dos alunos (as) em situação de pobreza. Para isso, utilizou-se as bases de busca o Scientific Electronic

Library OnLine (SciELO) e, complementarmente, o Google Acadêmico (Beta). Com o intervalo de tempo de publicações preferencialmente a partir do ano 2000.

Os termos de pesquisa foram inseridos nos campos de busca das bases de dados e combinadas entre si com os termos na língua portuguesa. Ao concluir as pesquisas, o número total de artigos que foram encontrados ao final, foram filtrados segundo os critérios de inclusão e exclusão definido pelo atendimento da centralidade do tema.

Foram incluídos nesse estudo apenas textos originais em língua portuguesa, disponibilizados na íntegra nos meios eletrônicos. A busca foi conduzida em 2016 pelo pesquisador responsável pelo estudo, obedecendo aos critérios de inclusão determinados na pesquisa.

Foram utilizados os seguintes descritores em português nas bases de dados: Pobreza, Educação, Escolarização de alunos em situação de pobreza.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos feitos, percebemos que a relação entre pobreza, baixa educação e desigualdade social é extremamente alta, um fator desencadeia o outro e forma um ciclo enraizado.

Mayer e Koller (2000) falam sobre a resiliência e necessária compreensão sobre o ambiente do aluno. Logo, os educadores precisam estar atentos aos alunos pouco resilientes e de alguma forma estimulá-los mais, para pouco a pouco formar aquela criança para a superação da pobreza através da escolaridade.

Barros, Henrique e Mendonça (2001), colocaram que a pobreza no Brasil se deve a desigualdade de recursos, onde muitos recursos estão nas mãos de poucas pessoas. Ou seja, o primeiro passo para o combate da pobreza seria a melhor distribuição de renda, uma vez que o país é rico de recursos, e isso seria possível. Combatendo a pobreza, o combate a baixa escolaridade e desigualdade social seria conseqüências.

Canen (2001) mostra a visão moralista da pobreza, que em alguns casos é estereotipada pelos próprios educadores. A escola é o primeiro contato social de uma criança. Se em seu primeiro contato social, sua classe socioeconômica for

estereotipada e pré-conceituada não há como combater a desigualdade social e a baixa escolaridade, pois um fator desencadeia o outro. É necessário desde os primeiros passos da criança esse cuidado dos seus educadores, pessoas fundamentais para o crescimento educacional, pessoal e profissional desta criança que se tornará adulta.

Gatti (2004) fala sobre repetência escolar e exclusão - manifestando o desafio que precisa ser vencido o da promoção da aprendizagem por esses alunos que passam por situação de privação e dificuldades econômicas. Algumas vezes, uma reprovação pode desestimular mais ainda um aluno com dificuldades. Cabe aqui o educador comprar a causa desta criança que está com dificuldades, estimulando-o dia a dia.

DUARTE (2012) fala da situação de escolarização de alunos em situação de pobreza que apresentam baixos rendimentos, condições territoriais e de habitabilidade desfavoráveis para o lar, problemas de alimentação e de saúde, dificuldades para manter os filhos na escola, baixo rendimento escolar dos filhos, abandono prematuro da escola ou escassa formação, acesso a trabalhos pouco qualificados e com níveis salariais inferiores e formação de uma nova família que repete esse ciclo perverso - Para que esse ciclo seja rompido se faz necessário investimentos significativos nas políticas sociais básicas e de inclusão social.

Para finalizar, Arroyo complementa o debate trazendo a reflexão para o reconhecimento da pobreza como fenômeno que atinge as escolas. É preciso reconhecer que a pobreza existe, é preciso mudar o olhar sobre a pobreza, é preciso repensar o currículo em função da compreensão das vivências dos alunos em situação de pobreza e é preciso mudar as práticas pedagógicas.

A partir do estudo realizado, conseguimos direcionar exatamente para os pontos que ligam a pobreza, educação e a desigualdade social. É possível observar que esses três fatores estão altamente relacionados e com um verdadeiro ciclo formado. As dificuldades são quebrar este ciclo, pois são fatores enraizados na nossa sociedade. Mas as soluções existem, é necessário um olhar governamental e de pessoas dispostas a mudar a realidade.

REFERÊNCIAS

1. **CASTEL.** *À Pobreza*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
2. **PAUGAM.** *A integração do pobre na sociedade*. 2003.
3. **YANOULLAS, S. C., ASSIS, S. G., FERREIRA, K. M.** *Educação e Pobreza: limiares de um campo em (re)definição*. Rev. Bras. De Educação, 2012.
4. **IBGE** < <http://www.ibge.gov.br/home/>>, acessado em: 03/06/2016.
5. **GATTI, B. A.** *Estudos quantitativos em educação*. Rev. Educação e Pesquisa em São Paulo, 2004.
6. **BARROS R. P., HENRIQUES, R., MENDONÇA R.** *A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2001.
7. **ANA CANEN.** *Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade*. Educação & Sociedade, ano XXII, no 77, Dezembro/2001.
8. **DUARTE, N.** *Política Social: um estudo sobre educação e pobreza*. Tese (Doutorado em Política Social) 1996. Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
9. **MAYER, L. R.; KOLLER, S. H.** *Percepção de controle sobre o desempenho acadêmico de crianças em situação de pobreza*. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.) [online]. 2000, vol.4, n.1, pp.283-295. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v4n1/v4n1a04> >Acesso em: out. de 2016.